

---

Barnstone, Willis *The poetics of translation* 1993. New Haven and London: Yale-University Press.

---

Em *The poetics of translation: history, theory, practice*, Willis Barnstone propõe-se a investigar as trilhas do tradutor literário, detendo-se em pontos nevrálgicos, tais como os entraves causados por diversidade cultural, por embates ideológicos ou, simplesmente, por intradutibilidade lingüística. Tece comentários acerca da originalidade do texto traduzido, dando largas contribuições à contumaz discussão que coloca, em posição de enfrentamento, estudiosos como Walter Benjamin e Jorge Luis Borges.

Barnstone ilustra bem suas assertivas, valendo-se, quase sempre, da Bíblia. Quando trata de limitações enfrentadas pelo tradutor em razão da relativização cultural, lembra o caso da expressão “Cordeiro de Deus”, que, na versão esquimó, recebe o equivalente “Foca de Deus”.

Ainda calcado na Bíblia, cita um caso em que determinada posição ideológica influenciou o processo de tradução. Ocorre que, na versão em inglês, há quatro diferentes registros para “Judas” (do hebraico *Yehudhah*): Judas, Judah,

Juda e Jude. Havendo quatro personagens bíblicos homônimos, e sendo um deles, segundo o Cristianismo, um traidor, os tradutores se valeram desse artifício para que as necessárias distinções fossem estabelecidas, de modo a não macular a reputação dos três outros “Judas”.

Ao tratar da originalidade, Willis Barnstone traz à tona a questão do distanciamento ou da aproximação do tradutor em relação ao texto-fonte. Engendra, a partir daí, uma exposição terminológica que retoma, por sua vez, uma classificação proposta por Dryden (“Metaphrase”, “Paraphrase”, “Imitation”), renomeados por Barnstone como “Literalism”, “Middle Ground” e “License”.

Apesar de procurar ser imparcial em suas considerações, flagramos certa unilateralidade do autor em favor da “License”, ao comentar: “Literalism cannot decide what it wants to be literal. Is it the sign it wants duplicated, or is it the meaning of the sign? Does it seek sound-for-sound, form-for-form, syntax-for-syntax correspondence? It feeds on illusion based on impossibility”.

De todo modo, a tomada de posição de Barnstone é compreensível, já que a defasagem da tradução literal não é nenhuma novidade. A respeito desta, afirma

Borges: "O Literalismo sacrifica o literário", ou ainda: "O dicionário baseia-se na hipótese — obviamente não comprovada — de que as línguas são constituídas de sinônimos equivalentes".

A meu ver, a grande lição do estudo em tela reside no juízo que seu autor faz acerca da viabilidade *versus* necessidade da tradução. Evocando Goethe, Barnstone reforça a idéia daquele, que afirma que a tradução é, a um só tempo, *impossível e necessária*; em outras palavras, dificilmente chegaremos a uma fórmula que sistematize a tradução, conquanto a transpo-

sição de signos absolutamente equivalentes seja impossível; tampouco prescindiremos da tradução, dada a sua necessidade.

Tomemos, então, essas circunvoluções como um fim em si mesmas, do mesmo modo que, em literatura, e exemplarmente em Guimarães Rosa (para citar um autor quase que intraduzível), os enredos são, em geral, bem menos relevantes que o trabalho artesanal da palavra: o *processo* "conta" bem mais que a própria história.

Lauro Meller

UFSC